

## A NATUREZA DA TÉCNICA: CRÍTICA DO CARÁTER INSTRUMENTAL DO CONCEITO DE TÉCNICA

*The nature of technique: critique of instrumental character of the concept of technique*

**Celso Candido Azambuja**  
**Unisinos**

**Resumo:** O trabalho propõe-se a fazer uma leitura crítica do conceito de técnica, especificamente, do seu caráter instrumental. A hipótese principal é que a tradicional definição instrumental da técnica não é suficiente para compreender a complexidade do fenômeno técnico nem tampouco seus efeitos no plano das atividades e dos modos de ser e pensar humanos. A técnica entendida simplesmente como meio para fins humanos é correta, mas apenas parcialmente verdadeira. Assim, na medida em que é uma definição parcial, ela não nos revela a real situação na qual nos encontramos como civilização tecnocientífica. Trata-se, portanto, de desenvolver uma problematização do conceito de técnica para além de seu caráter instrumental. Esta elaboração é feita de forma introdutória principalmente a partir das ideias sobre a técnica de Aristóteles, Heidegger, McLuhan, Simondon e Galimberti. Tal problematização crítica do conceito instrumental da técnica conduz a superação de três mitos fundamentais que o sustentam: a técnica como atividade mecânica destituída de virtude; a técnica como outro do humano, ou como dimensão propriamente inumana; e a técnica como um objeto neutro à disposição da vontade humana. A técnica é aquela dimensão essencial à condição e à vida humana que, em grande parte, determina e condiciona seus modos de ser, perceber e viver o mundo. Assim, a representação instrumental é insuficiente para responder a pergunta pela natureza da técnica.

**Palavras-chave:** Filosofia, Tecnologia, Civilização, Sociedade contemporânea, Filosofia da ciência

**Abstract:** This paper proposes a critical reading on the concept of technique, specifically about its instrumental character. The main hypothesis is that the traditional instrumental definition of technique is not enough to understand the complexity of neither the technical phenomenon nor its effects on the level of activities and human ways of being and thinking. Technique simply taken as means to human ends is correct, but only partially true. Thus, since it is a partial definition it does not reveal the true situation in which we are as technoscientific civilization. Therefore, it is necessary to develop an inquiry on the concept of technique beyond its instrumental character. This elaboration has been made in an introductory way mainly from the ideas about technique by Aristotle, Heidegger, McLuhan, Simondon and Galimberti. Such critical inquiry on the instrumental concept of technique leads to overcome three essential myths which sustain it: technique as mechanical activity deprived of virtue; technique as either the other of the human being or as proper inhuman dimension; and technique as a neutral object available to the human will. Technique is that dimension essential for human life that largely determines and conditions ways of being, perceiving and living the world. Thus, the instrumental representation is not enough to answer the question by the nature of technique.

**Keywords:** Philosophy, Technology, Civilization, Contemporary society, Science philosophy

*L'opposition dressée entre la culture et la technique, entre l'homme et la machine, est fausse et sans fondement; elle ne recouvre qu'ignorance ou ressentiment. Elle masque derrière un facile humanisme une réalité riche en efforts humains et en forces naturelles, et qui constitue le monde des objets techniques, médiateurs entre la nature et l'homme.*  
Gilbert Simondon

## Introdução

A discussão em torno do problema da técnica é fundamental não apenas para o reconhecimento e a autocompreensão filosófica de nosso próprio tempo, mas também da condição humana cuja determinação essencial consiste precisamente na sua capacidade criadora técnica. As vastas implicações e a enorme importância na vida social, profissional, econômica, cultural e existencial da tecnociência atualmente – cujos efeitos e impactos na sociedade são, muitas vezes, espetaculares e transformadores dos modos de produção e de vida tradicionais – colocam na ordem do dia questões cruciais para as quais a filosofia e as ciências humanas em geral precisam dedicar longos e grandes esforços. A técnica contemporânea, diferentemente da técnica moderna, não tem caráter simplesmente extrator e explorador dos recursos naturais. Ela tem como meta fundamental manipular e criar novas formas de vida humanas, sociais, técnicas e ambientais, a partir da manipulação dos dados mais básicos da natureza.

Deste modo, torna-se essencial realizar uma reflexão filosófica que auxilie a pensar o sentido e a significação deste processo, buscando estabelecer e aprofundar a elaboração teórica sobre a técnica. Que é, pois, a técnica? Em que consiste a natureza da técnica? Tais são as perguntas fundamentais que animam a construção deste trabalho.

A tese principal que se procura defender aqui é a de que a tradicional e dominante definição instrumental da técnica é insuficiente para a compreensão da complexidade do fenômeno técnico, seus efeitos e potenciais no plano das atividades e

dos modos de ser, pensar e viver humanos. A concepção instrumental da técnica é inseparável de uma filosofia antropocentrada, segundo a qual o homem é um ser soberano que toma todas as coisas ao seu redor e constrói o mundo segundo suas necessidades e intenções, independentemente de quaisquer determinações do ambiente técnico em que vive e que ele mesmo inventa. Nesta antropocentrada concepção, a técnica é compreendida como simples meio e instrumento neutro ao dispor do homem. Ao mesmo tempo, tal concepção tende a reduzir a técnica à sua estrita tecnicidade e ao seu caráter meramente objetual; fazendo da ação técnica algo destituído de virtude; e, principalmente, conduzindo à percepção de que a técnica seria um fenômeno totalmente distinto da essência humana, cuja originalidade e subjetividade estaria dada desde sempre e para sempre além ou aquém da técnica.

Esta concepção, sem dúvida, não é incorreta, mas apenas parcialmente verdadeira, como apontou Heidegger. Na medida em que é uma definição parcial e limitada, ela não alcança nem desvela a verdadeira situação na qual encontra-se a humanidade atualmente. Portanto, ela é incapaz de apontar a direção e o caminho que precisamos percorrer como civilização tecnocientífica. É preciso, pois, elaborar uma concepção de técnica que ajude a compreender a sua verdadeira natureza. Como veremos sua complexidade é enorme e a filosofia atual está longe de esgotá-la. Avançar no esclarecimento conceitual em torno da técnica, entretanto, só é possível a partir de uma crítica da tradicional definição instrumental do conceito de técnica.

Tal elaboração será feita de forma introdutória principalmente a partir de textos e obras capitais desenvolvidas acerca da questão da técnica por Aristóteles, Heidegger, McLuhan, Simondon e, principalmente, Galimberti. Assim, com Aristóteles, se discutirá a técnica como uma virtude intelectual; com Heidegger, se colocará a questão do sentido da técnica como vontade de dominação humana, no modo do ordenamento científico e sistemático; com McLuhan, se perguntará acerca dos efeitos dos meios técnicos no âmbito da subjetividade e das práticas humanas; com Simondon, se fará uma crítica da falsa oposição entre técnica e cultura; finalmente, com Galimberti, se debaterá a transformação da técnica, em nossa atualidade, que de um meio se tornará em um fim em si mesmo. Pois, como se verá, não se trata mais da clássica imagem do

humano moldando o mundo através de uma relação de exterioridade com a técnica, mas, ao contrário, do reconhecimento de que todos os assuntos humanos estão de agora em diante cada vez mais modelados e determinados pela técnica.

### 1. *Techne* como virtude intelectual

*Techne* é o termo pelo qual Aristóteles define uma das cinco virtudes intelectuais humanas que têm relação com a verdade, ao lado da qual encontramos ainda a *Phronesis*, a *Sophia*, a *Episteme* e o *Nous*. *Techne* é a produção que envolve o reto raciocínio. *Episteme* é o conhecimento científico imutável e demonstrável. *Phronesis* é a sabedoria prática que envolve deliberação para agir com relação às coisas boas ou más. É uma virtude que diz respeito às ações dos indivíduos. *Nous*, a inteligência ou razão intuitiva, é aquela disposição da alma apreende os primeiros princípios do conhecimento científico. Finalmente a *Sophia*, a sabedoria filosófica, é uma disposição da alma que envolve o *nous*, razão intuitiva ou inteligência, e a *episteme*, o conhecimento científico. Segundo Aristóteles, a *techne* não está relacionada com a "capacidade raciocinada de agir", mas sim com a "capacidade raciocinada de produzir". Toda *techne*, arquitetura, por exemplo, é uma "capacidade de produzir que envolve o reto raciocínio". A sua origem "está no que produz, e não no que é produzido". A *techne* "não se ocupa nem com as coisas que são ou que se geram por necessidade, nem com as que o fazem de acordo com a natureza (pois essas têm sua origem em si mesmas)". A *techne* "deve ser uma questão de produzir e não de agir." <sup>1</sup>

*Techne*, aqui, como virtude intelectual, é ofício, arte, habilidade, para produzir um artifício, algo outro, novo. Para Lecourt, na mesma perspectiva, a técnica, é "essa dimensão maior da existência humana, sobre o imemorável valor humano que ela representa".<sup>2</sup> O "pensamento técnico" tem sua própria especificidade e testemunha "uma forma particular da engenhosidade humana." Neste contexto, de acordo com Evans, Aristóteles "está interessado nas formas em que o exercício do pensamento e da

<sup>1</sup>ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução para o português de Leonel Vallandro e Gerd Borheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 33-34.

<sup>2</sup>LECOURT, Dominique. *Humano pós-humano: a técnica e a vida*. Tradução para o português de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2005, p. 41.

razão podem contribuir para uma boa vida humana. A habilidade técnica é uma forma de tal racionalidade” (trad. do autor).<sup>3</sup>

Deste modo, inicialmente podemos dizer que o conceito de técnica envolve uma habilidade intelectual e uma sabedoria produtiva. O fazer técnico no sentido aristotélico não é, portanto, em absoluto um mero fazer mecânico, destituído de virtude. Ao contrário, trata-se originariamente de uma virtude intelectual que tem em mira o bem viver humano.

## 2. A pergunta pela essência da técnica

Em seu principal texto sobre a técnica, Heidegger desloca a discussão da técnica do objeto técnico ele mesmo. Segundo Heidegger “... a essência da técnica não é de modo algum algo técnico”.<sup>4</sup> Assim, não é a técnica mesma enquanto objeto ou instrumento que é colocada em questão, mas a sua essência. A pergunta principal é, então, pelo sentido da técnica, em especial, pelo sentido da técnica moderna.<sup>5</sup>

A técnica para Heidegger pode ser compreendida apenas parcialmente como instrumento. A concepção dominante da técnica como simples meio para fins humanos, é a representação “instrumental e antropológica da técnica”.<sup>6</sup> De acordo com esta perspectiva quanto mais tentamos fazer uso da técnica e das tecnologias, quanto mais tentamos ‘dominar a técnica’, mais de fato estamos perdidos e dependentes e menos de fato estamos de posse da verdade da técnica. Pois somente uma relação verdadeira nos permite uma relação livre com a técnica.

Assim, para Heidegger,

---

<sup>3</sup>EVANS, David. “Aristotle on techne”. In: CHABOT, Pascal, HOTTOIS, Gilbert (Ed.). *Les philosophes et la technique*. Paris: VRIN, 2003, p. 41. No original: “In this context he is interested in the ways in which the exercise of thought and reason can contribute to a good human life. Artistic skill is one form of such rationality”.

<sup>4</sup> HEIDEGGER, Martin. *Die frage nach der technik*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2000, p. 9. No original: “Die Technik ist nicht das gleiche wie das Wesen der Technik”.

<sup>5</sup> Heidegger evidentemente não considera o destino humano como dado, como fatalidade, mas como algo a ser manipulável, determinável pelo próprio humano. Assim, o nosso destino compartilhado com a técnica não está dado, não está definitivamente condicionado pela técnica moderna instrumental, extrativista. Obviamente ela representa o perigo extremo, mas também nossa salvação.

No entanto, o mais importante da visão heideggeriana, talvez seja este desejo de um retorno a um fazer técnico tal como aquele vivido pelos gregos. Daí que a salvação viria exatamente deste resgate primordial da *Techne* como arte, dentro do jogo estético. Isto talvez não tornasse a técnica necessariamente mais produtiva ou mais espetacular, mas tornaria ela elemento do jogo da vida, do gozo da vida. Não mais destrutiva, como a técnica da guerra, não mais extrativista, exploradora, como as diversas técnicas industriais da sociedade do consumo. Mas principalmente frutiva. Uma técnica poética.

<sup>6</sup> HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. [http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05\\_03\\_05.pdf](http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf). (Último acesso em 29/05/2017), p. 376.

É correto dizer: também a técnica moderna é um meio para fins. Por isso, todo esforço para conduzir o homem a uma correta relação com a técnica é determinado pela concepção instrumental da técnica. Tudo se reduz ao lidar de modo adequado com a técnica enquanto meio. Pretende-se, como se diz, ‘ter espiritualmente a técnica nas mãos’. Pretende-se dominá-la. O querer-dominar se torna tão mais iminente quanto mais a técnica ameaça escapar do domínio dos homens. (...) Por isso, o que é meramente correto ainda não é o verdadeiro. Somente o verdadeiro nos leva a uma livre relação com o que nos toca a partir de sua essência. De acordo com isso, a correta determinação instrumental da técnica não nos mostra ainda sua essência.<sup>7</sup>

E estaremos tão mais perdidos quando mais considerarmos a técnica como algo neutro, tornando-nos “completamente cegos perante a essência da técnica”.<sup>8</sup>

Sendo assim, se realmente queremos entender a técnica em todo seu poder e extensão, o primeiro mito a ser questionado é o da neutralidade da técnica. Segundo, Galimberti <sup>9</sup>: “Para nos orientar, precisamos antes de tudo acabar com as falsas inocências, com a fábula da técnica *neutra*, que só oferece os meios, cabendo depois aos homens empregá-los para o bem ou para o mal. A técnica não é neutra, porque cria um mundo com determinadas características com as quais não podemos deixar de conviver e, vivendo com elas, contrair hábitos que nos transformam obrigatoriamente”.<sup>10</sup>

Este mito da neutralidade da técnica foi também um dos alvos da crítica teórica feita por McLuhan. McLuhan argumenta pela importância de se compreender a mensagem do meio enquanto tal *independentemente* dos conteúdos veiculados e transmitidos. *O meio é a mensagem* – é a sua fórmula canônica.<sup>11</sup> Fundamental é compreender os efeitos e as mudanças que a tecnologia determina no seio da

---

<sup>7</sup> HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. [http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05\\_03\\_05.pdf](http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf). (Último acesso em 29/05/2017), p. 376-7.

<sup>8</sup> HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. [http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05\\_03\\_05.pdf](http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf). (Último acesso em 29/05/2017), p. 376.

<sup>9</sup> Galimberti faz um estudo monumental da tecnologia em nossa época em seu livro *Psiche e techne – o homem na idade da técnica*. Nesta obra ele realiza uma análise profunda, pertinente, perspicaz, fundamental para se estudar o fenômeno da técnica e suas múltiplas e universais implicações e interdeterminações. Avança em questões fundamentais de natureza antropológica, política, ética, entre outras. Tem em mira a fundação de uma nova psicologia: a psicologia da ação, na qual a técnica ocupa posição fundamental. Por isto aqui e no conjunto deste trabalho ele aparece como uma das referências principais. GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.

<sup>10</sup> GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 8.

<sup>11</sup> “The medium is the message.” MCLUHAN, Marshall. *Understanding media: the extensions of man*. Cambridge: MIT Press, 1994, p. 13.

subjetividade e das instituições humanas. Para McLuhan, “Os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção, num passo firme e sem qualquer resistência.” Pois, segundo ele, “A análise de programas e ‘conteúdos’ não oferece pistas para a magia desses meios ou sua carga subliminar”.<sup>12</sup>

O que está em questão, o que realmente importa para McLuhan é perceber os efeitos que cada meio introduz nas relações e percepções humanas. Sendo extensões dos órgãos do corpo, o microscópio e o telescópio, por exemplo, permitem ver o invisível ao olho natural, o infinitamente pequeno e o infinitamente distante. Da mesma forma, a televisão, o rádio, o computador e o satélite permitem uma integração e um compartilhamento mundial da humanidade, tornando possível a emergência da “aldeia global”. Ou ainda, a luz elétrica que transforma o espaço visual, tornando a visualidade ubíqua e a noite em dia.

Trata-se, portanto, de compreender a técnica não como simples instrumento passivo à disposição dos homens que poderiam dispor dela de modo a fazer com ela o que bem entenderem, mas como invenções que acabam por recriar e transformar as condições de possibilidade de compreensão, percepção e experimentação humana no mundo.<sup>13</sup>

### 3. A técnica como condição humana

A tradição filosófica ensinou-nos duas lições fundamentais: o humano é um animal naturalmente político e principalmente dotado de linguagem e razão. Sua vida em comum na polis mediada pela linguagem é o que dá ao humano, na tradição iluminista, de Sócrates a Kant, seu distintivo próprio diante de todo o reino animal.

<sup>12</sup> MCLUHAN, Marshall. *Os meios como extensões do homem*. Tradução para o português de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964, p. 34.

<sup>13</sup> Em um interessante estudo, Castells, Fernández-Ardèvol, Qiu e Sey, abordam, entre outras, as transformações no seio da família e das relações de trabalho a partir da emergência da comunicação móvel celular: novas formas de coordenação das tarefas entre os membros da família, novas formas de produção empresariais e de camaradagem entre os trabalhadores, destacando o papel articulador e afetivo do celular entre os trabalhadores. Tal tipo de comunicação incrementa a autonomia dos indivíduos, coisa impensável na era das comunicações de massa e da telefonia fixa. (CASTELLS, Manuel, FERNÁNDEZ-ARDEVOL, Mireia., QIU, Jack., SEY, Araba. *Mobile Communication and Society: a global perspective*. Cambridge: MIT Press, 2007). Quanto às relações de poder, elas encontram-se transformadas, no contexto das redes digitais de comunicação global. De acordo com Castells: “I contend that the process of formation and exercise of power relationships is decisively transformed in the new organizational and technological context derived from the rise of global digital networks of communication as the fundamental symbol-processing of our time”. (CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. New York: Oxford University Press, 2009, p. 4).

Uma contracorrente moderna, seja anti-moderna ou pós-moderna, nos ensinou mais uma lição fundamental que, apesar de tudo, somos animais desejantes, seres cujos instintos e paixões estão no âmago de nossas existências. Entretanto, o homem talvez não seja nada sem a técnica.

É assim que Galimberti nos propõe a imagem antropológica segundo a qual o homem é um animal essencialmente técnico. É a técnica que permite ao homem ser homem. A técnica será a síntese das razões e das necessidades humanas. Será, por assim dizer, o órgão dos instintos de que originariamente o homem é carente. Nesta mesma direção Heidegger identificará a técnica moderna à vontade humana de domínio sobre a terra:

As ciências da natureza inanimada e animada, tanto quanto as ciências da história e das obras históricas, sempre se constróem inequivocamente como um modo e uma maneira de o homem moderno dominar, sob forma e esclarecimento, a natureza, a história, o 'mundo' e a 'Terra', de forma a tornar planejáveis e utilizáveis esses campos esclarecidos, segundo cada precisão e com vistas a assegurar a vontade de ser senhor da totalidade do mundo, no modo do ordenamento. O fundamento e o âmbito essencial da técnica moderna é essa vontade, que em toda intenção e apreensão, em tudo o que se quer e alcança, sempre quer somente a si mesma, e a si mesma armada com a possibilidade de sempre crescente de poder-querer-a-si. A técnica é a organização e o órgão da vontade de vontade.<sup>14</sup>

Por sua vez, Simondon considera que a oposição entre homem e máquina é insustentável e não esconde senão “ignorância” e “ressentimento”. Segundo Hottois<sup>15</sup>, Simondon seria um dos principais representantes de uma filosofia humanista tecnófila. Assim, na perspectiva tecnohumanista de Simondon, ainda de acordo com Hottois, o fundamental seria a construção de uma cultura tecnocientífica, de uma “clivagem entre ciências-técnicas e culturas tradicionais” na medida em que esta se tornou “o problema fundamental de nossa civilização.” Não há, para Simondon, oposição essencial entre tecnociência e cultura. O que existe é uma defasagem entre a “cultura dominante em relação ao meio real e atual”.

De acordo com Hottois:

<sup>14</sup> HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. Tradução para o português de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998, p. 205.

<sup>15</sup> HOTTOIS, Gilbert. *Do renascimento à pós-modernidade: uma história da filosofia moderna e contemporânea*. Tradução para o português de Ivo Storniolo. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008, p. 639-40

Simondon denuncia toda sociedade que pretende escravizar a sua ordem a pesquisa tecnocientífica e reduzi-la a um conjunto de ferramentas e produtos utilitários. Este é o perigo da sociedade fechada ou ‘comunidade’ que define as necessidades, as utilidades e as finalidades, como se o ‘reino dos fins’ fosse realizada nela mesma. A concepção instrumental da técnica, vista como um conjunto de ferramentas e meios disponíveis, é o erro e a falta da maioria dos filósofos da técnica <sup>(trad. do autor)</sup>.<sup>16</sup>

Segundo as próprias palavras de Simondon, “A oposição dirigida entre a cultura e a técnica, entre o homem e a máquina, é falsa e sem fundamento; ela não esconde senão ignorância ou ressentimento. Ela mascara, por trás de um humanismo fácil, uma realidade rica em esforços humanos e em forças naturais que constitui o mundo dos objetos técnicos, mediadores entre a natureza e o homem”.<sup>17</sup> Ora, a principal causa da alienação, segundo Simondon, no mundo contemporâneo consiste precisamente neste desconhecimento da máquina e de sua importância decisiva na estruturação do mundo e das significações. “Aquilo que reside nas máquinas, é a realidade humana, o gesto humano fixado e cristalizado em estruturas que funcionam.”<sup>18</sup>

Nesta desfasagem, “de bloqueamento e de dissociação, a tecnociência é diabolizada, porque a cultura disponível não permite simbolizá-la de modo apropriado.”<sup>19</sup> Seria portanto necessário desfazer esta dissociação se quisermos ser contemporâneos de nosso próprio tempo. É por isto que para Simondon, o homem seria “essa liberdade inapreensível em ação no mundo material e que se serve da técnica para se emancipar sempre mais dos limites que lhe impõe o mundo físico, do qual seu corpo, com todos os seus órgãos, é parte.”<sup>20</sup>

<sup>16</sup> HOTTOIS, Gilbert. *Philosophies des sciences, philosophies des techniques*. Paris: Odile Jacob, 2004. p. 131. No original: “Simondon dénonce toute société qui prétend asservir à son ordre la recherche technoscientifique et la réduire à un ensemble d’instruments et de produits utilitaires. C’est le danger de la société close ou ‘communauté’ qui définit les besoins, les utilités et les finalités, comme si le ‘règne des fins’ était réalisé en elle. La conception instrumentale de la technique, vue comme un ensemble d’outils et de moyens disponibles, est l’erreur et la faute de la plupart des philosophes des techniques”.

<sup>17</sup> SIMONDON, Gilbert. *Du mode d’existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989. p. 9. No original: “L’opposition dressée entre la culture et la technique, entre l’homme et la machine, est fautive et sans fondement; elle ne recouvre qu’ignorance ou ressentiment. Elle masque derrière un facile humanisme une réalité riche en efforts humains et en forces naturelles, et qui constitue le monde des objets techniques, médiateurs entre la nature et l’homme.”

<sup>18</sup> SIMONDON, Gilbert. *Du mode d’existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989, p. 12. No original: “Ce qui réside dans les machines, c’est de la réalité humaine, du geste humain fixé et cristallisé en structures qui fonctionnent.”

<sup>19</sup> HOTTOIS, Gilbert. *Do renascimento à pós-modernidade: uma história da filosofia moderna e contemporânea*. Tradução para o português de Ivo Storniolo. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008, p. 640.

<sup>20</sup> HOTTOIS, Gilbert. *Do renascimento à pós-modernidade: uma história da filosofia moderna e contemporânea*. Tradução para o português de Ivo Storniolo. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008, p. 646.

Galimberti, na mesma direção, propõe a idéia de que a técnica é uma criação da imaginação humana cuja finalidade consiste essencialmente em superar as incapacidades biológicas e limites naturais de sua condição. A técnica é essencial para a humanidade,

...não só porque, em razão da sua insuficiente dotação instintiva, o homem, sem a técnica não teria sobrevivido, mas também porque, explorando essa plasticidade de adaptação que deriva da generalidade e não-rigidez dos seus instintos, pôde alcançar 'culturalmente', por meio de procedimentos técnicos de seleção e estabilização, aquela seletividade estabilidade que o animal possui 'por natureza'.<sup>21</sup>

A técnica será, portanto, o “pacto original entre homem e mundo” que permitirá à humanidade superar seus limites biológicos e estabelecer-se como espécie.<sup>22</sup> Ainda de acordo com Galimberti:

De fato, a técnica não é o homem. Nascida como condição da existência humana e, portanto, como expressão da sua essência, hoje, pelas dimensões alcançadas e pela autonomia adquirida, a técnica expressa a abstração e a combinação das idealizações e das ações humanas num nível de artificialidade tal que nenhum homem, nenhum grupo humano (...) é capaz de controlá-la em sua totalidade.<sup>23</sup>

É assim que na idade da técnica a oposição histórica entre senhores e escravos deixa de fazer sentido. O que de fato se impõe aí são as exigências da racionalidade técnica diante da qual “todos devem se subordinar”. O único verdadeiro sujeito é “o aparato técnico – em relação ao qual os indivíduos são simplesmente predicados”.<sup>24</sup> Finalmente, Galimberti propõe a pergunta fundamental: “o que o homem se torna dentro do horizonte da experimentação ilimitada e da manipulação infinita desvelada pela técnica? Para responder é necessário superar a certeza ingênua segundo a qual a

<sup>21</sup>GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 9.

<sup>22</sup>GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 10.

<sup>23</sup>GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 17.

<sup>24</sup>GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 18.

natureza humana é algo estável, que não se contamina e permanece intacto, não importando o que o homem faça”.<sup>25</sup>

A técnica, portanto, não é o outro do humano. Ao contrário, ela é essencialmente humana. A técnica se apresenta como criação e, ao mesmo tempo, como condição de possibilidade absoluta de existência da própria humana. Na atualidade, esta contraditória relação nos aponta para o nascimento do transumano,<sup>26</sup> ao mesmo tempo em que coloca questões de ordem ética e política altamente complexas e fundamentais.

#### 4. A grande transformação da técnica

A grande transformação sofrida pela técnica em nossa atualidade é que ela deixa de ser simples meio nas mãos dos homens, transformando-se em um fim em si mesmo, na medida em que passou a condicionar todos fins que os seres humanos podem almejar. Na perspectiva de Galimberti,<sup>27</sup> na medida em que vivemos em “...um mundo em que todas as suas partes estão tecnicamente organizadas, a técnica não é mais objeto de uma escolha nossa, pois é o nosso ambiente, onde fins e meios, escopos e idealizações, condutas, ações e paixões, inclusive sonhos e desejos, estão tecnicamente articulados e precisam da técnica para se expressar.” Neste sentido, para Galimberti, a técnica não é mais uma escolha nossa; é propriamente “nosso destino como ocidentais avançados”.<sup>28</sup>

A técnica, portanto, não pode ser considerada simples instrumento nas mãos dos sujeitos humanos que a dispõem conforme seus desejos soberanos. De acordo com Galimberti:

<sup>25</sup> GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 23.

<sup>26</sup> A respeito do transumano ver Torre: “Technology and art relate more to each other than you might think. Art mimics life. And it’s an understatement to say that technology is changing the way we live. The Transhumanist movement embraces technologies like cognitive science, cryonics, artificial intelligence and biotechnology—the same forces that are bringing about profound physical and societal change. And as technology advances, so do our visions of the future. But what truths do these visions represent? Humans are extending current biological limitations, and in the next few decades what it means to be human might change considerably.” TORRE, Christopher. *The art of transhumanism*. <https://singularityhub.com/2010/06/07/the-art-of-transhumanism>. (Último acesso em 29/05/2017).

<sup>27</sup> GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 8.

<sup>28</sup> Assim, por exemplo, Arthur caracteriza nossa época: “Most of us do not stop to ponder technology. It is something we find useful but that fades to the background of our world. Yet - and this is another source of wonder for me - this thing that fades to the background of our world also creates that world. It creates that world. It creates the realm our lives inhabit”. ARTHUR, Brain. *The nature of technology, what it is and how it evolves*. New York: Free Press, 2009.

...se aceitamos a tese de que a técnica é a essência do homem, então o primeiro critério de legibilidade que deve ser modificado na idade da técnica é aquele tradicional que vê o homem como *sujeito* e a técnica como *instrumento* à sua disposição. Isso podia ser verdadeiro no mundo antigo, onde a técnica era exercida dentro dos muros da cidade, era um enclave dentro da natureza, cuja lei inquestionável regulava por inteiro a vida do homem.<sup>29</sup>

Hoje, entretanto, a terra não é mais o limite. A cidade dominou a natureza. Esta está reduzida a um “enclave” no interior dos muros da cidade. Deste modo, a técnica que era o instrumento de dominação sobre a natureza, tornou-se o próprio ambiente do homem e ocupou o lugar que antes era ocupado pela natureza. A técnica atualmente se agigantou de tal modo que inverteu-se a relação que na antiguidade ela tinha com a natureza.

Segundo Galimberti:

enquanto a instrumentação técnica disponível era apenas suficiente para aqueles fins nos quais se expressava a satisfação das necessidades humanas, a técnica era um simples *meio*, cujo significado era inteiramente absorvido pelo *fim*; mas, quando a técnica *umenta quantitativamente* a ponto de se tornar disponível para a realização de qualquer fim, então *muda qualitativamente* o cenário, porque não é mais o fim que condiciona a representação, a pesquisa, a aquisição dos meios técnicos, mas será a ampliada disponibilidade dos meios técnicos que desvela o leque dos fins que, por meio deles, podem ser alcançados. Assim, *a técnica se transforma de meio em fim*, não porque a técnica se proponha algo, mas porque todos os objetivos e fins que os homens se propõem não podem ser atingidos, a não ser pela mediação técnica.<sup>30</sup>

Desta maneira, por constituir o próprio ambiente no qual a vida humana se desenrola, a técnica condiciona todos os fins e objetivos, desejos e ações humanas, tornando-se a mediadora universal de todas as relações e produções humanas.

##### **5. *Techne* e *phronesis*: a inversão de uma tradição**

Sendo assim, na “idade da técnica”, as relações entre sabedoria produtiva – *techne* – e sabedoria prática – *phronesis* – se transformaram definitivamente. Estas duas disciplinas do agir prático se tornaram cada vez mais dependentes do meio, a tal

<sup>29</sup> GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 11.

<sup>30</sup> GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 12.

ponto que estão inteiramente condicionadas e determinadas pelo aparato técnico. A técnica deixa de ser mero instrumento da ética e da política.

Para Galimberti, a ética hoje é impotente diante do imenso poder da técnica: “O *agir* como escolha de fins cede lugar ao *fazer* como produção de resultados.<sup>31</sup> Nesse sentido, a técnica celebra a impotência da ética, a definitiva subordinação do agir ao fazer.” Enquanto situadas no horizonte dos limites da natureza, ética e técnica puderam manter uma relação estável, porque a natureza, ela mesma, oferece os modelos e regras de produção e de ação. Mas, na medida em que o homem criou:

um mundo cada vez menos natural e cada vez mais artificial, a técnica obriga a ética a perseguir a paisagem que a técnica produz e não cessa de transformar. Hoje o homem não pode pensar em conter a técnica com a ética que a tradição filosófica lhe consignou. O fazer superou em muito o agir, e essa é a razão pela qual a ética, que domina o agir, não é capaz de regular a técnica, da qual procede o fazer.<sup>32</sup>

Em um mundo dominado pelo fazer técnico, a ética deixa cada vez mais de experimentar-se no horizonte do estável. Ainda segundo o pensador italiano: “A idade da técnica cortou sem hesitação as raízes que afundavam a ética no terreno estável do eterno, e sucessivamente naquele menos estável, embora mais responsável, da previsão futura. (...) Ao homem não restou nada mais que o destino de viandante”.<sup>33</sup> Trata-se da “ética do viandante” a qual, marcada pela transitoriedade e instabilidade, desconhece tudo que não seja ocasional. Nenhuma estabilidade lhe concerne, diferentemente das éticas antigas que se consideravam no terreno do estável. Pois, para essas, o presente e o futuro não eram senão uma retomada de um passado sempre retornável cuja estabilidade se inscrevia no interior de um tempo cíclico e uma ordem naturalmente estável.

Na sociedade tecnológica, segue Galimberti:

a única ética possível é aquela carregada da pura *processualidade*, que, como o percurso do viandante, não tem em vista uma meta. O imperativo ético não pode ser deduzido de uma *normatividade ideal* (...) mas dessa incessante e sempre

<sup>31</sup>GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 519-20.

<sup>32</sup>GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 523-4.

<sup>33</sup>GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 532.

renovada *factualidade*, que são os efeitos do fazer técnico. É a ética que deve perseguir a técnica e terá de se defrontar com a própria impotência prescritiva.<sup>34</sup>

Assim, inverteu-se a “relação homem-máquina”. São os indivíduos que se adequam ou não às necessidades da técnica, condicionando todo o seu agir ético. Neste processo dissolveu-se:

o pressuposto humanista, porque lá onde a técnica, com sua autonomia, não se limita a contrapor-se ao homem, mas é capaz de integrar o homem no aparato técnico, o que se vem a criar é um sistema homem-máquina, e onde os segmentos do comportamento humano podem ser reduzidos ao nível de partes de máquinas reguladas.<sup>35</sup>

Ora, na medida em que cada vez mais “se reduz a distinção entre problemas *práticos* e problemas *técnicos*, e quanto mais se afirma o princípio da *traduzibilidade* dos primeiros nos segundos, a ética se dissolve, e com ela a história como teatro da práxis”. Agora é o “ritmo da evolução técnica” que pontua e determina “as ações dos homens”.<sup>36</sup> A técnica se torna a ciência mestra, subordinando a ética e a política as suas próprias determinações. Agora, impõe-se “o primado da decisão técnica sobre a decisão” ética e política. É ela quem “decide sobre as decisões” transformando “o primado do fim sobre os meios”. O aparato técnico foi de tal modo incrementado que “tornou evidente, não só que não se podem estabelecer fins sem levar em conta os meios, mas até que é necessário escolher os fins partindo da disponibilidade dos meios”.<sup>37</sup>

A técnica agigantou-se de tal modo que acabou por retirar dos homens o domínio e o sentido de suas próprias existências. Ela se tornou o absoluto da história e comanda todas as ações humanas. Os indivíduos tornaram-se um apêndice do grande aparato técnico e da razão instrumental que lhe é própria. Para Galimberti, a “idade da

<sup>34</sup> GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 537.

<sup>35</sup> GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 538.

<sup>36</sup> GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 539.

<sup>37</sup> GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 8  
516.

técnica” é verdadeiramente a idade do sem sentido e do totalitarismo da técnica. O problema maior é que somos ignorantes desta nova realidade criada pela própria vontade humana de dominar tecnicamente o mundo. Entretanto, diz ele, “ainda não anoiteceu”, trata-se, em primeiro lugar, de realizar um esforço de compreensão desta realidade e, em segundo lugar, de não perdermos e, ao mesmo tempo, sermos capazes de aperfeiçoar nossa capacidade de prever os efeitos da ação e do fazer humano.<sup>38</sup>

## 6. Para além da concepção instrumental

Muitas questões, sem dúvida, restam em aberto e merecem ser tratadas ainda em torno da tentativa de definir a técnica. No entanto, o que foi dito até aqui permite concluir, mesmo provisoriamente: que a técnica não pode ser compreendida como uma atividade meramente mecânica, pois é uma virtude humana e intelectual cujo valor específico – o saber bem fazer – é incontestável; que inegavelmente a humanidade só tornou-se o que é em virtude da técnica a qual não é *o outro* do humano, sendo, para o bem ou o mal, uma dimensão essencial de sua condição; que a aventura humana, passada e presente, é inseparável da técnica, mas seu futuro será ainda mais dependente da pesquisa e do desenvolvimento tecnocientífico; que a técnica, antes condicionada pelos desejos e necessidades humanas, agora os condiciona, deixando de ser simples meio manipulável para fins humanos totalmente arbitrários, pois seu crescimento exponencial parece ter transformado o sujeito, em grande parte, em seu objeto e instrumento.

A técnica, portanto, não pode mais ser compreendida como um simples instrumento disposto às mãos dos sujeitos livres e soberanos que, do altar de uma suposta natureza humana inalterável, controla e determina livremente o mundo e o seu próprio destino. Com isto, três mitos centrais onipresentes em torno do problema da técnica foram também desconstituídos: o mito da neutralidade da técnica, o mito da objetualidade da técnica e o mito da técnica como antítese do humano.

Assim, somente uma concepção mais ampliada da técnica, não reduzida ao seu caráter meramente instrumental – que reconhece na engenhosidade técnica uma

---

<sup>38</sup>GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006, p. 829.

dimensão fundamental da cultura e da constituição fisiológica humana; que descobre na técnica não o outro do humano, mas sua própria “natureza” artificializante, sua extensão física e mental; que compreende a técnica como um meio humano de intervenção efetivo que transforma não apenas seu meio ambiente, mas também seus próprios modos de ser e viver o mundo; que vê na técnica a tábua de salvação, mas também o perigo extremo, o niilismo final, a destruição de toda a vida humana, física e moral –, pode ajudar a responder verdadeiramente a pergunta pela natureza da técnica e, conseqüentemente, fazer face aos grandes desafios de nosso tempo colocados pela sociedade tecnocientífica.

### Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução para o português de Leonel Vallandro e Gerd Borheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ARTHUR, Brian. *The nature of technology, what it is and how it evolves*. New York: Free Press, 2009.

CASTELLS, Manuel. *Communication Power*. New York: Oxford University Press, 2009.

CASTELLS, Manuel, FERNÁNDEZ-ARDÈVOL, Mirea., QIU, Jack., SEY, Araba. *Mobile Communication and Society: a global perspective*. Cambridge: MIT Press, 2007.

TORRE, Christopher. *The art of transhumanism*. Singularity University, 2010. <https://singularityhub.com/2010/06/07/the-art-of-transhumanism>. (Último acesso em 29/05/2017).

EVANS, David. “Aristotle on techne”. In: CHABOT, Pascal, HOTTOIS, Gilbert. (Ed.). *Les philosophes et la technique*. Paris: VRIN, 2003.

GALIMBERTI, Umberto. *Psiche e Techne, o homem na idade da técnica*. Tradução para o português de José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Heráclito*. Tradução para o português de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

HEIDEGGER, Martin. *Die frage nach der technik*. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 2000.

HEIDEGGER, Martin. *A questão da técnica*. Tradução para o português de Marco Aurélio Werle. Scientia Studia, 2007.

[http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05\\_03\\_05.pdf](http://www.scientiaestudia.org.br/revista/PDF/05_03_05.pdf) . (Último acesso em 29/05/2017).

HOTTOIS, Gilbert. *Do renascimento à pós-modernidade: uma história da filosofia moderna e contemporânea*. Tradução para o português de Ivo Storniolo. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2008.

HOTTOIS, Gilbert. *Philosophies des sciences, philosophies des techniques*. Paris: Odile Jacob, 2004.

LECOURT, Dominique. *Humano pós-humano: a técnica e a vida*. Tradução para o português de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2005.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios como extensões do homem*. Tradução para o português de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

MCLUHAN, Marshall, POWERS, Bruce. *The global village. Transformations in world life and media in the 21<sup>st</sup>. century*. New York: Oxford University Press, 1989.

MCLUHAN, Marshall. *Understanding media: the extesions of man*. Cambridge: MIT Press, 1994.

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989.

---

Doutor em Filosofia,  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos/RS  
Pesquisador CNPq  
E-mail: [ccandido@unisinos.br](mailto:ccandido@unisinos.br)